

Um refúgio esquecido

A 36 km de São João del Rei, em pleno leito da antiga Estrada Real, o distrito de São Miguel do Cajuru é um refúgio quase desconhecido. No final do ano passado, ele começou a ganhar fama com a capela de mesmo nome – o primeiro tombamento efetuado pelo Conselho Municipal. A pintura do teto, atribuída ao mestre Joaquim José da Natividade, está na fase final de restauração com recursos do Ministério da Cultura.

“O primeiro registro da igreja data de 1745”, observa José Antônio de Ávila Sacramento,

presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São João del Rei. O nome do santuário remonta ao tempo dos índios: de origem tupi-guarani, a palavra “cajuru” significa boca ou entrada da mata (*caá* = mata e *yuru* = boca). Com cerca de 500 habitantes, o povoado vive basicamente da agropecuária. “Solicitei o tombamento do conjunto ao Iphan, que foi bastante receptivo”, diz José Antônio. Ele lembra que há na região vários conjuntos não tombados como o de Lavras, São Tomé das Letras e Carrancas.

Depois do restauro do telhado, o objetivo será ampliar a reforma para a estrutura da igreja. “Existe cupim no nos altares laterais, no púlpito e no altar-mor”, informa José Antônio. Com a fama recém-conquistada, São Miguel do Cajuru se vê às voltas com um problema pitoresco: muitas famílias têm a chave da igreja, o que dificulta o controle do acervo. “O plano é colocar alarme para proteger as imagens e trocar a fechadora”, diz o pesquisador. “Agora, só o zelador terá a chave.”

Jornal ESTADO DE MINAS

(Belho Horizonte -MG, edição de 06 de agosto de 2000)